

O DESAFIO DA CONSERVAÇÃO DOS ACERVOS PARTICULARES DE ARQUITETOS MODERNOS

O CASO DO INVENTÁRIO JANETE COSTA

FERNANDO DINIZ MOREIRA

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, Pernambuco, Brasil
Arquiteto (Universidade Federal de Pernambuco), historiador (Universidade Católica de Pernambuco), Master of Science e Ph.D. in Architecture (Universidade da Pensilvânia), professor do Programa de Pós-Graduação da UFPE; conselheiro no Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil. E-mail: fernando.diniz.moreira@gmail.com.

ANDRÉA HALÁSZ GÁTI

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, Pernambuco, Brasil
Arquiteta e mestre em Desenvolvimento Urbano (Universidade Federal de Pernambuco), arquiteta da Superintendência de Projetos e Obras da Cidade Universitária (UFPE).
E-mail: andrea.gati@ufpe.br.

GISELE MELO DE CARVALHO

Faculdade Damas da Instituição Cristã, Recife, Pernambuco, Brasil
Arquiteta e mestre em história (Universidade Federal de Pernambuco), professora da Faculdade Damas, arquiteta diretora da Amplus Projetos de Espaços. E-mail: carvalhogm@uol.com.br

VERONICE OLIVEIRA

Instituto Clio, Recife, Pernambuco, Brasil
Bibliotecária (Universidade Federal de Pernambuco), Diretoria do Instituto Clio.
E-mail: institutoclio@gmail.com

DOI

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v0i20p137-158>

RECEBIDO

02/09/2015

APROVADO

26/11/2015

O DESAFIO DA CONSERVAÇÃO DOS ACERVOS PARTICULARES DE ARQUITETOS MODERNOS: O CASO DO INVENTÁRIO JANETE COSTA¹

FERNANDO DINIZ MOREIRA, ANDRÉA HALÁSZ GÁTI, GISELE MELO DE CARVALHO, VERONICE OLIVEIRA

RESUMO

Conservar a vasta documentação iconográfica produzida pelos arquitetos modernos é um tema essencial da conservação da arquitetura, tendo em vista o rápido desaparecimento dos exemplares construídos. Essa documentação sofre um sério risco com a dissolução dos escritórios, após a morte ou aposentadoria dos seus titulares, considerando o pequeno porte dos escritórios brasileiros e a pesada responsabilidade imputada aos familiares. Este artigo relata a experiência da realização do inventário da obra da arquiteta Janete Costa (1932-2008), que contribuiu decisivamente nos campos da arquitetura de interiores, design de produtos, intervenções em edifícios históricos, na produção e divulgação do artesanato brasileiro, com uma vasta obra não apenas no Nordeste, mas em várias cidades brasileiras. Com o falecimento da arquiteta surgiu a necessidade de acolher seu acervo na sede do Recife, material antes distribuído nos escritórios que mantinha no Rio de Janeiro e São Paulo. Este acervo, agora reunido no Recife, compreende plantas, fotos, revistas, *slides*, documentos, maquetes, material gráfico de exposições e vídeos. O projeto do inventário inclui a limpeza, organização, conservação e divulgação de suas principais obras em um *site*. A equipe multidisciplinar foi formada por arquitetos pesquisadores, arquitetos especializados em interiores e consultores na área de informação e de *webdesign*.

PALAVRAS-CHAVE

Janete Costa. Inventário. Arquivos. Arquitetura de interiores.

1. Este trabalho foi possível devido ao auxílio financeiro do Fundo de Apoio à Cultura do Estado de Pernambuco (Funcultura), além do apoio logístico do Escritório Borsoi Arquitetos Associados e da Amparo 6o Galeria de Arte.

THE CHALLENGE OF CONSERVING THE PRIVATE ARCHIVES OF MODERN ARCHITECTS: THE JANETE COSTA INVENTORY CASE

FERNANDO DINIZ MOREIRA, ANDRÉA HALÁSZ GÁTI, GISELE MELO DE CARVALHO, VERONICE OLIVEIRA

ABSTRACT

The task of conserving the vast iconographic documentation produced by modern architects is a crucial issue in the conservation of architecture, given the rapid disappearance of built examples. This documentation suffers a serious risk due to the dissolution of offices after the death or retirement of their owners, given the small size of Brazilian architecture offices and the heavy responsibility imposed to the architect's family. This article reports the experience of completing the inventory of the works by architect Janete Costa (1932-2008), who had a decisive contribution in interior design, product design, restoration of historic buildings, and the production and dissemination of Brazilian arts & crafts. Her work can be seen not only in the Brazilian northeast, but also in several Brazilian cities across the country. When the architect died, the office headquarters in Recife received the entirety of her collection, dispersed around the offices she and her husband, Acácio Gil Borsoi, held in Rio de Janeiro and São Paulo. This collection, now gathered in Recife, includes plans, photographs, magazines, slides, documents, models, graphics from exhibitions and videos. The inventory project includes cleaning, organizing, conserving and making her most important works available on a website. A multidisciplinary team was created and includes researcher architects, architects specialized in interior design, and information technology and web design advisors.

KEYWORDS

Janete Costa. Inventory. Archives. Interior architecture.

INTRODUÇÃO

A conservação da arquitetura moderna enfrenta inúmeros desafios causados pela sua dimensão material ou por fatores externos (mudanças de uso, novas formas de levar a efeito os usos originais, ausência de uma cultura de manutenção, dificuldade em entender a pátina, o não reconhecimento desta arquitetura como um bem cultural, entre outros). Nas cidades brasileiras, desde os anos 1980 iniciativas imobiliárias vêm provocando o desaparecimento de significativas obras modernas (AMORIM, 2007), enquanto muitas outras estão sendo descaracterizadas por intervenções de renovação ou mesmo por falta de manutenção.

Diante deste contexto, uma medida que se revela urgente é a salvaguarda dos registros iconográficos, pois em muitos casos estes podem vir a ser os únicos registros de significativas obras modernas que foram perdidas ou irreversivelmente descaracterizadas. Esta iniciativa é, segundo Muñoz-Viñas, também uma forma de realizar conservação. Para o autor, há a conservação preventiva, aquela que age sobre o objeto, e a conservação informacional, uma forma virtual de conservação na medida em que armazena as características dos objetos por meios de informações artificiais (MUÑOZ-VIÑAS, 2004, p. 21).

Ao contrário da arquitetura de tempos anteriores, a arquitetura moderna, pela sua própria proximidade temporal, deixou uma extensa

documentação iconográfica, que constitui uma valiosa documentação para a sua conservação, pois disponibiliza detalhes técnicos, especificações, mudanças feitas ao longo da construção, além de evidenciarem os dilemas e percalços do processo de projeto e da própria história da construção. Entretanto, a extensão desta documentação – que inclui registros desde os estudos iniciais até o projeto final, além de fotografias e escritos – gera um grande desafio para ao seu correto armazenamento e conservação.

No Brasil, ainda não existe uma consciência sobre o valor do desenho de arquitetura como um bem a ser preservado para as futuras gerações, como nos alerta Naslavsky e Oliveira para o caso de Pernambuco:

Em Pernambuco, ainda não há consciência de que o documento iconográfico (desenho de arquitetura) representa um bem cultural maior, um acervo a ser preservado e parte essencial da representação memória da arquitetura do estado. Essa falta de consciência de que o desenho de arquitetura é um documento tão importante quanto qualquer outro, tem nos colocado em uma carência quase que total de documentação iconográfica (NASLAVSKY; OLIVEIRA, 2011).

Os arquivos municipais mantêm há décadas arquivos de plantas que constituem um importante acervo da arquitetura de cada cidade. Entretanto, os acervos não são voltados para a conservação e sim para outros propósitos. Devido ao seu caráter operacional, as plantas são utilizadas sem o cuidado adequado e geralmente inexistem condições adequadas de conservação:

É grande a lista de Arquivos Públicos, sobretudo os municipais de “obras particulares” que se tem visto destruídos ou dizimados pela falta de cuidado de seus responsáveis, as periódicas “queimas” em busca de espaço e suposta limpeza de material “inútil” ou o eventual roubo pelos usuários (GUTIÉRREZ, 2001).

A equipe orientada por Guilah Naslavsky mostrou as precárias condições de armazenamento dos diversos arquivos de arquitetura da cidade do Recife, situação agravada pelos fatores climáticos locais (OLIVEIRA et al, 2012). De fato, inexistem no Brasil instituições especializadas em arquitetura,

com políticas de coleta, conservação e disponibilização desse material. Faz-se necessária uma política de digitalização do material, como forma de evitar o desgaste provocado pelo constante manuseio, mas deve-se ter em mente que essa prática não pode de forma alguma descartar o original (CASTRIOTA, 2007; NASLAVSKY, OLIVEIRA, 2011).

A situação dos acervos particulares não é muito diferente. Essa documentação sofre um sério risco com a dissolução dos escritórios, após a morte ou aposentadoria dos seus titulares, tendo em vista o pequeno porte dos escritórios brasileiros. São poucos os arquitetos atuantes no Brasil que podem manter seus acervos de forma organizada e bem acondicionada em seus escritórios. A maioria deles não consegue perceber a importância dos desenhos e documentos para a história da arquitetura e da cidade. Criados de forma artesanal pelos próprios arquitetos ou desenhistas, esses desenhos possuem por si próprios um enorme valor artístico e cultural. Mesmo os arquitetos organizados e conscientes da importância de seus acervos não conseguem encontrar instituições públicas dispostas a recebê-los. Ao final, uma pesada responsabilidade é imputada aos familiares ou colaboradores diretos, que não têm condições de manter tal documentação por falta de espaço adequado e também pelo custo da manutenção.

Instituições norte-americanas e francesas, particularmente, já acumulam uma ampla experiência neste campo, mas no Brasil a prática é ainda pouco comum. Nos últimos anos, algumas instituições públicas e fundações brasileiras têm recolhido arquivos particulares de arquitetos ou de suas famílias. Destaca-se a atuação pioneira da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP), que ficou responsável pela guarda dos importantes acervos de Victor Dubugras, Rino Levi, Gregori Warchavchik e Ramos de Azevedo (GUTIÉRREZ, 2001). Desde os anos 1990 a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, por meio do Núcleo de Documentação e Pesquisa, iniciou a coleta e salvaguarda de acervos particulares de destacados arquitetos atuantes na cidade, como Jorge Machado Moreira e Carlos Leão, assim como de antigos projetos realizados pelos alunos desde princípios de século XX (VIANA, 2011; GUTIÉRREZ, 2001). Em Pernambuco, registra-se o caso da doação do acervo do italiano Mario Russo, arquiteto que atuou no Recife na década de 1950, tendo projetado

o *campus* da Universidade Federal de Pernambuco, à Fundação Joaquim Nabuco, que o tem mantido de forma apropriada. Entretanto, a imensa maioria das coleções privadas é perdida por não se achar lugar adequado para sua classificação e manutenção. Às famílias dos arquitetos ou aos próprios escritórios de arquitetura cabe uma árdua tarefa, nem sempre possível, que é proteger esses acervos.

Os acervos particulares têm sua importância porque compreendem as várias fases de concepção do projeto, com os seus diferentes tipos de registros. Eles possuem não apenas o projeto final submetido aos órgãos competentes, mas incluem também esboços iniciais, anteprojeto, projeto final, projetos complementares, detalhes, contratos, até eventuais publicações e outras informações técnicas. Eles ainda podem incluir fotos dos ambientes ou lugares antes das intervenções, *croquis* em cima de fotos, mapas, anotações e correspondências com fornecedores e clientes. Tudo isso é importante para se entender não só o desenvolvimento da cidade, mas também as práticas construtivas de uma geração.

O acondicionamento de um material tão variado gera desafios para o arquivista, como as formas de classificação, armazenamento e mesmo a decisão sobre o que deve ser descartado (PEYCERÉ, 2000b). Outro desafio reside no acesso público a esses documentos, as interfaces adequadas e os custos associados, tendo em vista que o grande custo de manutenção de um acervo reside não só no acondicionamento adequado dos arquivos, mas na recepção e assistência aos usuários. A disponibilização desses acervos, pelo menos a sua descrição na internet, já é um primeiro passo visando sua conservação.

Este trabalho procura contribuir para este tema da salvaguarda de acervos particulares ao apresentar a experiência da organização, acesso e disseminação do acervo da arquiteta Janete Costa (1932-2008). Janete Costa contribuiu decisivamente nos campos da arquitetura de interiores, *design* de produtos, intervenções, na produção e divulgação do artesanato brasileiro. Com o seu falecimento, a sede do seu escritório localizado no Recife recebeu parte do acervo dos escritórios que mantinha no Rio de Janeiro e São Paulo. Este diverso acervo – composto de plantas, fotos, revistas, *slides*, documentos, maquetes, material gráfico das exposições, vídeos etc., estava correndo sério risco de deterioração devido às más condições de armazenamento e

às condições climáticas locais. Em fins de 2012, a equipe foi agraciada com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Estado de Pernambuco para um projeto que incluiu a limpeza, organização, conservação e divulgação de suas principais obras em um *site*. Este artigo relata essa experiência, concluída em 2014, e espera contribuir para uma reflexão, e os desafios que tiveram de ser enfrentados ao se lidar com um acervo tão heterogêneo.

JANETE COSTA

Nascida em Garanhuns, agreste pernambucano, Janete Costa graduou-se em 1961 pela Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro. Casada com o arquiteto Acácio Gil Borsoi (1924-2009), ela participou ativamente não só da definição dos projetos do escritório Borsoi Arquitetos Associados, mas se dedicou especialmente à arquitetura de interiores, tendo deixado um vasto legado e colaborando para o estabelecimento deste campo profissional.

Janete Costa contribuiu decisivamente em cinco campos de atuação: arquitetura de interiores; intervenções em patrimônio histórico; *design* de produtos; na pesquisa, produção e divulgação do artesanato e da arte popular brasileiros, e ainda na concepção e montagem de exposições (GÁTI, NASLAVSKY, 2013). Tal classificação estrutura de forma sistemática as principais áreas de atuação da arquiteta, servindo de base para a organização dos cinco eixos do inventário.

Seus inúmeros projetos de interiores – que incluem teatros, bibliotecas, cinemas, auditórios, edifícios públicos, galerias e, sobretudo, hotéis e residências – são considerados uma referência na arquitetura de interiores no Brasil. Para ela, a organização do espaço na arquitetura de interiores pressupõe a atividade de um arquiteto, profissional que detém um olhar diferenciado sobre dimensionamento, proporção, percepção do ambiente, uso de cores, resistência dos materiais, controle ambiental etc. No seu entendimento, a luz, as texturas, os tecidos, as cores e os objetos atuam sobre nossa percepção e moldam nossa apreensão de um ambiente. Em suas ambientações, selecionou artefatos artesanais e da arte popular e inseriu-os em ambientes sofisticados transformando estes espaços: “Esta rica composição de elementos da cultura vernacular, presentes nos seus trabalhos, foi a característica que lhe trouxe notoriedade no cenário da arquitetura de

interiores brasileira” (COSTA, 2007).

Janete Costa interveio no patrimônio com projetos de restauro. Destacam-se os projetos na cidade de São Luís do Maranhão e em Niterói, no Rio de Janeiro. Em São Luís, destacam-se o Palácio dos Leões, sede do Governo do Maranhão, e o Teatro Artur de Azevedo. Em Niterói, cidade em que viveu por muitos anos na juventude, fez o restauro da Igreja São Lourenço dos Índios, construída em 1769, e a reforma interna do Solar do Jambeiro.

Janete Costa pesquisou arte popular por décadas e também procurou formas de interferir no desenho e na qualidade do artesanato local, promovendo a inserção dos artesãos no mercado de arte e de decoração. Ela criou o projeto Interferências, no qual coordenou uma equipe de arquitetos e *designers* que atuaram como consultores para grupos de artesãos em busca de incremento de qualidade e estética, para que seus produtos pudessem ser utilizados nos seus projetos de interiores. De forma pioneira, Janete incentivou o uso de objetos artesanais pelas classes altas e inovou ao especificar peças utilitárias como elementos decorativos, tirando partido de potes de água, gaiolas e cestos apenas para composição do ambiente, desvinculando-os de sua função inicial. Ganhou destaque nacional a sua coleção de artefatos artesanais e arte popular. Em inúmeras oportunidades expôs seu acervo, emprestou ou doou itens para formação de acervo de museus, caso do Museu do Homem do Nordeste, fundado em 1979 pelo sociólogo Gilberto Freyre (COSTA, 2001, 2003a, 2003b).

Em seu trabalho com *designer*, Janete Costa desenhou inúmeros móveis e objetos. Ela justificava que tal necessidade ocorreu devido ao fato de não encontrar no mercado um determinado móvel ou objeto com as características exatas que procurava. O fato de ter tido uma formação modernista, em que o arquiteto era capacitado para projetar “da casa ao garfo”, habilitou Janete a desenhar muitos dos artefatos por ela utilizados em seus projetos. Inúmeros são os *croquis* encontrados na organização do seu acervo, tais como de aparadores, mesas de jantar, laterais ou de centro, além de luminárias, castiçais, centros de mesa etc.

No campo da museografia Janete concebeu e organizou inúmeras exposições para divulgar a arte popular e o artesanato brasileiros, como *A arte do casual* e *O artesanato como caminho*, ambas em 1985, no Rio de

Janeiro e em São Paulo, visando a recuperação da arte popular como diretriz para o desenvolvimento do *design* e da arquitetura de interiores. O título da segunda exposição sugeria à indústria a importância da tradição do produto artesanal como ponto de partida de toda criação e desenvolvimento de produtos. Durante a Rio 92, conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento Humano, Janete realizou a exposição *Viva o povo brasileiro* tirando partido da visibilidade que tal conferência internacional traria para a divulgação do artesanato brasileiro. Suas outras exposições ainda incluem: *Arte popular brasileira* (Riocult, Rio de Janeiro, 1995), *Pernambuco – arte popular e artesanato* (Rio Design Barra, Rio de Janeiro, 2001), *Arte popular brasileira e arte popular dos estados* (Carreu du Temple, Paris, 2005), *Que chita bacana* (Sesc Belenzinho, São Paulo, 2005), *Somos – Criação popular brasileira* (Santander Cultural, Porto Alegre, 2006), e *Do tamanho do Brasil* (Sesc Avenida Paulista, São Paulo, 2007).

O MATERIAL E SEU TRATAMENTO

Com o falecimento da arquiteta, em 2008, intensificou-se a ideia de organizar e preservar sua obra, que se encontrava correndo sério risco de deterioração devido às más condições de armazenamento e características climáticas do Recife. Assim, ao longo de 2012, uma equipe multidisciplinar – formada por arquitetos especializados em história da arquitetura e com prática em interiores, uma bibliotecária, um *webdesigner* e estagiários de museologia e arquitetura – iniciou as primeiras reuniões do Inventário Janete Costa, que incluiu o reconhecimento do material para a organização, conservação e divulgação de suas principais obras em um *site* na internet. No final do ano, a equipe foi agraciada com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Estado de Pernambuco e os trabalhos tiveram início em abril de 2013.

A sede do escritório Borsoi Arquitetos Ltda., no Recife, foi escolhida para abrigar seu acervo, composto de plantas, fotos, revistas, mídia digital, periódicos, dentre outros, visto que o material antes distribuído nos escritórios que mantinha no Rio de Janeiro e São Paulo já se encontrava, em parte, no local.

Acervos particulares como o de Janete Costa têm sua importância porque compreendem as várias fases de concepção do projeto, com os seus diferentes tipos de registros. Eles possuem não apenas o projeto final submetido

aos órgãos competentes, mas incluem também esboços iniciais, anteprojeto, projeto final, projetos complementares, detalhes, contratos, até eventuais publicações e outras informações técnicas. Eles ainda podem incluir fotos dos ambientes ou lugares antes e depois das intervenções, *croquis* sobre fotografias, mapas, anotações e correspondências com fornecedores e clientes.

Em um primeiro momento, constatou-se a existência de pastas diversas com fotos, recortes de revistas e jornais, projetos desenhados e impressos, *slides*, um inventário de suas peças de artesanato e arquivos digitalizados de projetos. Excetuando o material que estava guardado nas pastas, procurou-se separar o material de acordo com seu formato (fotos, desenhos, pranchas, slides, impressos, cartas, *croquis*, publicações), para depois classificá-los em eixos de atuação da arquiteta.

Verificou-se que os arquivos digitalizados continham projetos de arquitetura, muitos deles já existentes em cópias de papel, mas também projetos de arquitetura de Acácio Gil Borsoi, imagens pessoais e ilustrações diversas.

Quanto às publicações referentes aos trabalhos de Janete Costa, observou-se que as mesmas estavam contidas em pastas, muitas contendo

FIGURA 1

Residência Janete
Costa e Acácio
Gil Borsoi, Rio de
Janeiro-RJ. Fonte:
Acervo Janete Costa.



FIGURAS 2, 3, 4 e 5

Estado do acervo Janete Costa antes do início dos trabalhos.
Fonte: Autores.



etiquetas da data e do periódico em que foi publicado, mas o material ainda não estava bem organizado, com páginas faltando e outras repetidas.

Partiu-se do pressuposto inicial que aquilo que foi publicado é o mais relevante de sua obra e, em tese, estaria apto para ser incluído no processo de divulgação de sua obra por meio do site. As publicações passaram a ser organizadas cronologicamente e armazenadas em novas pastas.

As pastas existentes contendo projetos foram abertas, limpas e tiveram seu conteúdo analisado. Os projetos foram organizados seguindo o princípio comumente adotado de subdivisão de fases de um projeto de arquitetura, a saber: Estudo preliminar/Anteprojeto, Projeto executivo, Esboços/Croquis e Diversos, esta última abarcando os impressos que não se enquadravam em nenhuma das três fases citadas.

Após o estabelecimento da nomenclatura dos eixos centrais do inventário, definidos por Arquitetura de interiores, Exposições, Patrimônio, Arte popular/Artesanato e Design, elaborou-se uma lista identificando os

formatos dos materiais e documentos nos quais os dados e informações sobre os eixos estariam contidas. Esses formatos foram definidos por:

D - projetos digitalizados ou desenhados em papel manteiga/vegetal;

V - vídeos, CDs, DVDs, fitas;

AP - artigos de periódicos, revistas e jornais;

I - imagem, fotos e *slides* físicos;

P - publicações, revistas, livros, *folders*, folhetos;

L - *links* e *sites* relacionados na internet.

A escolha da nomenclatura dos formatos foi necessária para que fossem organizados fisicamente em locais definidos e devidamente adequados às suas características.

O próximo passo consistiu na definição das estratégias de tratamento da informação contida nos materiais e documentos supracitados, e na forma como seria seu arquivamento, levando-se em consideração as características do material a ser inventariado, a experiência acumulada pelos integrantes do inventário quanto à catalogação e tratamento da informação, e, por último, a questão da própria estrutura do *site*, que tem como proposta condensar o material selecionado para ser acessível tanto ao grande público não especializado como também a pesquisadores da área.

Partindo-se dessas considerações, optou-se pelo tipo de classificação e catalogação para descrição do acervo. Para os trabalhos técnicos de classificação foi escolhido o sistema de classificação denominado CDU, Classificação Decimal Universal, por ser flexível, universal e capaz de organizar todas as áreas do conhecimento humano. Foi então feita uma conciliação com os eixos pré-definidos pela equipe. Sobre a catalogação, optou-se pelo código de catalogação descrita na AACR2 (Código de Catalogação Anglo-Americano) que é um compêndio de regras para a criação de descrições bibliográficas e para a escolha, construção e atribuição dos pontos de acesso (cabeçalhos) representando pessoas, localizações geográficas e entidades coletivas, além de títulos uniformes representando obras e expressões.

Definidos esses dois códigos, foi elaborado um formulário padrão para registro de dados no sistema de gerenciamento eletrônico, que é acessado pelo *site*. Esse formulário contém os campos: data do seu preenchimento e o responsável pelo serviço; formatos (livro, mapa, *slide*, microfilme, registro

sonoro, vídeo, texto, projeto impresso, projeto digital, projeto desenhado, periódico, artigo de periódico/jornal, foto impressa, foto digital, exposição, prêmio, carta, depoimento/entrevista, *site*); autor da obra; título; dados da publicação; descrição física; notas de resumo; assunto; autoria secundária; série; localização (eixo); visto da bibliotecária e do arquiteto responsável pelo preenchimento. Essa ficha única abarca os diversos materiais, ou seja, um projeto contendo muito material e em diferentes formatos receberia uma ficha única – indicando as diferentes formas (arquitetura digital, impressos, fotos, *slides* etc).

O próximo passo foi a escolha e a aquisição de um programa de gerenciamento da informação e optou-se pela plataforma Clio, *software* de livre acesso desenvolvido pelo Laboratório Líber da Universidade Federal de Pernambuco para uso público e gratuito, adaptável às necessidades específicas de cada cliente e com capacidade para recuperação de informação. O sistema possui biblioteca digital multimídia; armazena texto, áudio, vídeo e imagem; visualiza e manipula documentos; e permite interoperabilidade entre os repositórios. A versão inicial do Clio foi baseada em linguagem PHP, com gerenciador de banco de dados MySQL. A versão atual é desenvolvida utilizando linguagem Java.

O processo de catalogação, tratamento do documento e inserção das informações no banco de dados teve início em junho de 2013 e estendeu-se por 10 meses. Foram catalogadas cerca de 3000 peças dos diversos formatos citados. Em abril de 2014, a catalogação estava completa. Com a inserção das informações contidas na ficha no sistema Clio de gerenciamento de

FIGURAS 6
Ficha catalográfica
padrão. Fonte:
Autores.

The image displays two parts of a cataloging form. The left part is the header and input fields, and the right part is the main content area.

Left Screenshot (Form Header):

- PLANELHA PARA INSERÇÃO DE DADOS DO ACERVO
- JANETE COSTA
- DATA: 22/04/2013 RESPONSÁVEL: NATALIA PAZ
- FORMATO: LIVRO MAPA SLIDE MICROFILME REGISTRO SONORO VÍDEO
- PROJETO IMPRESSO PROJETO DIGITAL PERIÓDICO ARTIGO DE PERIÓDICO
- JORNAL FOTO IMPRESSA FOTO DIGITAL EXPOSIÇÃO PRÊMIO CARTA
- DEPOIMENTO/ENTREVISTA SITE
- AUTOR: Costa, Janete
- TÍTULO:
- PUBLICAÇÃO:
- DESCRIÇÃO FÍSICA:
- NOTAS DE RESUMO:

Right Screenshot (Form Content):

- RESUMO:
- AUTORIA SECUNDÁRIA:
- SÉRIE:
- LOCALIZAÇÃO:
- VISTO: BIBLIOTECÁRIA ARQUITETA

informação torna-se possível acessar as informações sobre este documento utilizando-se palavras-chave.

Algumas particularidades podem ser ressaltadas no andamento em curso do Inventário Janete Costa. Uma primeira particularidade refere-se à identificação das fases de projetos de interiores. Os projetos foram divididos em dois tipos: 1) estudos preliminares, que consistiam em *layouts* ou elevações dos ambientes trabalhados, em alguns casos perspectivas isométricas e digitais, referentes aos últimos anos de produção; e 2) projetos executivos, que consistiam em plantas exaustivamente detalhadas, de reforma, paginação de pisos e paredes, plantas de locação de pontos hidráulicos, elétricos e de iluminação, elevações de todas as paredes do ambiente com suas respectivas especificações, detalhes construtivos, de marcenaria e de itens de acabamento, como luminárias, ferragens, balcões, dentre outros, muitos em escala real 1:1.

Uma segunda particularidade residiu na passagem do processo de desenho manual, em grafite e/ou nanquim sobre papéis manteiga e/ou vegetal para o desenho digital. O material proveniente desses diferentes momentos aponta diferentes metodologias de projeto. No processo manual observa-se um primor no detalhamento dos elementos componentes do projeto. Com a estabilidade financeira pós-Plano Real, o desenho digital possibilitou o maior acesso a informações, feiras de design e produtos importados, e

FIGURAS 7

Base de dados sobre Janete Costa no sistema Clio. Fonte: Instituto Clio.



observou-se uma tendência a se especificar mais e detalhar menos. Embora não tenha escapado dessa tendência, Janete também aproveita as vantagens do processo digital de desenho para conceber seus detalhes de forma mais rápida, no entanto sem abrir mão da riqueza do seu detalhamento.

Por fim, a fotografia e a perspectiva digital também foram fatores importantes para Janete, como o registro dos ambientes antes e depois das intervenções. Os ambientes eram fotografados antes do projeto, e as ideias de intervenção desenhadas sobre as fotos. Com as perspectivas digitais, *croquis* de aprimoramentos das proposições eram desenhados sobre elas, facilitando a concepção, uma vez que se poderia simular uma realidade ainda não materializada. Assim, podiam ser feitos estudos dos efeitos da iluminação, definição de cores e de texturas ou ainda do posicionamento das obras de arte e artefatos artesanais. Esse recurso era também utilizado para que Janete repassasse suas ideias para seus assistentes e colaboradores. Esse material constitui um rico acervo a ser preservado, pois pode revelar o criativo processo de projeto de Janete Costa.

Algumas dificuldades foram encontradas, como a existência de muitas fotos, não necessariamente como parte integrante dos projetos em questão, como fotos pessoais e de eventos diversos ou mesmo por não estarem identificadas, o que demandou esforço da equipe na identificação. Outra dificuldade deveu-se ao fato de nem todas as pranchas conterem carimbo, nem nenhuma informação escrita sobre seu conteúdo. Além disso, constatou-se que muitas pranchas estavam com nomes das etapas, dos ambientes ou dos clientes trocados, uma vez que no processo de desenho digital do projeto é comum se aproveitar pranchas já prontas de outros desenhos, para depois se proceder à mudança do carimbo. Quando essa mudança não era feita antes da impressão do material para revisão, acontecia de uma prancha ter a identificação diferente do desenho apresentado. O processo de impressão também se valia, em algumas vezes, do aproveitamento de papéis já com impressão de outros projetos no verso, que não foram considerados, a partir da identificação do projeto correto pelas outras pranchas contidas na pasta. Por fim, ressaltam-se as dificuldades encontradas na organização do material enquadrado na categoria Diversos. Nela, catalogaram-se muitos orçamentos, folhas de fax já apagados devido ao tempo, projetos complementares de outras empresas envolvidas, cartas, mensagens tipo

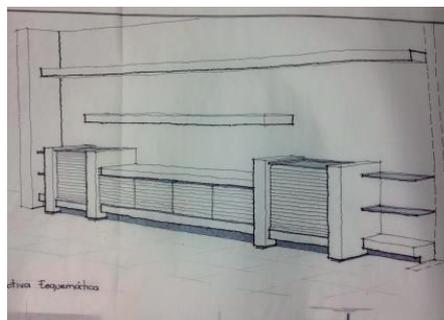
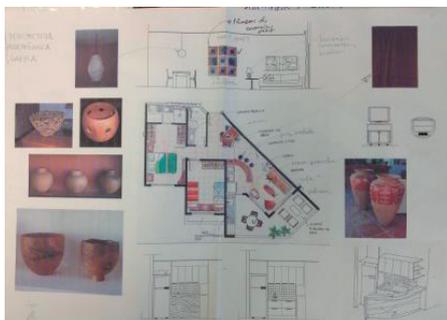
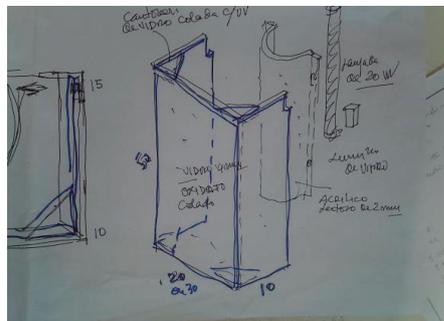
e-mail, *folders* de empresas parceiras nos projetos e anotações variadas, escritas livremente sobre papéis os mais diversos.

A mudança dos processos de desenho manual para digital também gerou uma diversidade de tipos de papéis que se encontravam com dobras diversas, muitas vezes fora dos padrões da ABNT, e cobrindo o carimbo de identificação das pranchas. Optou-se por manter a dobradura já existente, uma vez que qualquer alteração danificaria duplamente a prancha. Algumas pranchas foram encontradas rasgadas, sujas, pisadas e com fungos. As folhas de papel manteiga e vegetal se encontram bastante envelhecidas, amareladas e quebradiças.

Muitos *croquis* e de difícil identificação, possivelmente até de outros arquitetos colaboradores dos projetos, foram encontrados. Tentou-se, nesses casos, definir, a partir de dedução de outras plantas do mesmo projeto, o tipo de desenho e seu conteúdo, notificando-o com a inserção de colchetes, procedimento padrão no sistema de classificação adotado para quando não se tem a comprovação da informação.

FIGURAS 8, 9, 10 e 11

Diversidade do material: em sentido horário a partir da imagem superior esquerda croquis sobre imagem impressa, croquis de luminária, planta com novo *layout* e sugestão de peças, *croquis* de ambiente. Fonte: Acervo Janete Costa.



Foram feitas entrevistas com antigos arquitetos colaboradores, parentes, clientes e várias sessões de trabalho com os filhos arquitetos de Janete, Mario Santos e Roberta Borsoi. Neste sentido, destacam-se as sessões de trabalho com Roberta Borsoi, que muito esclareceu sobre a prática do escritório: formas e etapas de trabalho, relacionamento com clientes, o processo de criação, o papel dos colaboradores. Ela ainda ajudou na identificação de várias plantas até então não identificadas e sobre os nomes dos projetos.

Por fim, deve-se mencionar a catalogação do amplo conjunto de imagens, que incluem: fotos de interiores antes, durante e após a construção, móveis, obras de arte, objetos de *design*, peças de artesanato, arte popular, edifícios em construção, além de material produzido fora do escritório como panfletos, impressos e fotos. Todas as informações contidas nas fotos foram também inseridas no sistema. O processo de armazenamento consistiu na colocação da foto em papel antiácido, recortado sob medida por meio de pequenos cortes de estilete. O conjunto foi então recoberto por um papel seda, também recortado sob medida, e inserido dentro de um envelope que

FIGURAS 12, 13, 14 e 15

Processo de armazenamento das imagens: em sentido horário a partir da imagem superior esquerda: recorte do papel antiácido, inserção da foto por meio de recortes nas extremidades do papel, e armazenamento das imagens em envelopes discriminados nas gavetas do arquivo.
Fonte: Autores.



recebe a numeração do item no sistema CDU a lápis, no canto direito superior. Posteriormente, o envelope foi colocado em uma pasta arquivo nos armários.

A INTERFACE COM O PÚBLICO

A disponibilização do acervo em um *site* foi vista como uma etapa imprescindível do projeto. Consideramos que a maioria dos pesquisadores e interessados na obra de Janete Costa terá seu primeiro contato com o acervo por meio deste instrumento. A construção do *site* teve dois grandes desafios a serem atendidos: a diversidade do público e a relação com o banco de dados.

Para atender a diversidade da natureza dos usuários considerando-se que eles podem ser leigos, buscando apenas informações iniciais sobre a arquiteta e a sua obra, como também pesquisadores interessados em se aprofundar no universo da sua obra ou até mesmo um arquiteto que tenha participado de alguma de suas obras. Portanto, buscou-se um *site* com *design* atraente, interface amigável e que permita uma pesquisa mais ampla por meio do acesso a um banco de dados.

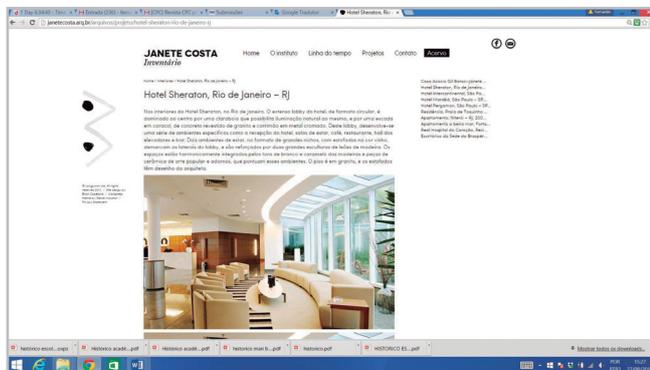
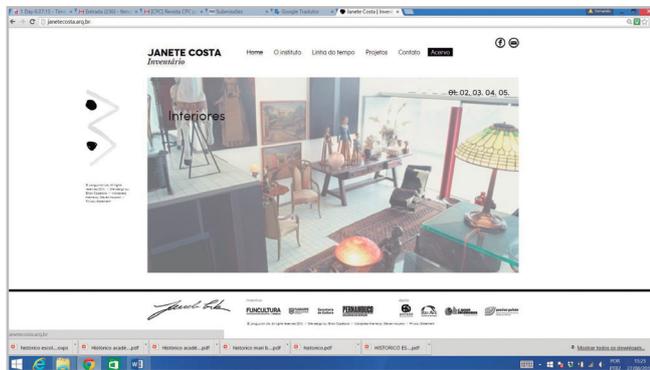
Todas as informações do acervo Janete Costa podem ser agora acessadas pelo *site*, que oferece diversas formas de busca. A busca é de fácil entendimento e perfeitamente acessível aos pesquisadores assim como ao público em geral. Os principais projetos da arquiteta foram divididos em suas grandes áreas de atuação (interiores, restauro, arte e artesanato, design e exposições) com descrições e fotos para um público não específico.

Ao longo da pesquisa sobre a vida e a obra de Janete Costa foram identificadas similaridades entre a trajetória da arquiteta e a da arquiteta Lina Bo Bardi, especialmente no que se refere à sua pesquisa sobre o artesanato brasileiro. O *site* do Instituto Lina Bo e P.M. Bardi foi uma importante referência para o desenvolvimento do *site* de Janete Costa. À medida que a catalogação da obra de Janete avançou, o *site* ganhou corpo e identidade visual. A premissa inicial era que essa identidade deveria ser construída levando em conta a possibilidade de futuramente abarcar o inventário da obra de Borsoi, que já se encontra em andamento desde o início de 2015, e que juntos venham a formar o Instituto Janete Costa e Acácio Borsoi de arquitetura pernambucana.²

2. Em relação ao *site*, o trabalho de criação da identidade visual partiu de um levantamento do histórico dos logotipos utilizados pelo Borsoi Escritórios Associados, que sempre utilizava um “B”. Apesar do nome ou as iniciais de Janete Costa não terem feito parte em nenhum momento da identidade visual

FIGURAS 16 e 17

Site de Janete Costa. Fonte: www.janetecosta.arq.br



O segundo desafio na construção do site foi o da articulação entre o seu *design* e estrutura e o sistema de banco de dados do sistema Clio, ou seja, a compatibilização entre a estrutura de um *site* e a do programa de dados. A linguagem do *site* que faz a interface com o público é diferente da estrutura do banco de dados cuja finalidade é guardar a informação. Isto só foi resolvido após longas reuniões entre os profissionais programadores do *site* e do banco de dados.

Acreditamos que o *site* será um instrumento fundamental para a missão de preservar e disseminar o legado da arquiteta Janete Costa, promovendo a divulgação, entendimento e importância da sua obra nos diversos campos de atuação. A educação patrimonial de setores sociais,

da empresa, tomou-se o “B” como referência e o resultado final foi apresentado como uma releitura da marca, que ganhou um aspecto de “feito à mão”, o que também remete ao trabalho indígena, tão enaltecido por Janete. Ao mesmo tempo, o escalonado resultante da estilização da letra nos remete ao artifício de escalonamento de fachada, uma das características mais marcantes da obra de Borsoi.

particularmente aqueles não sensibilizados pela arquitetura moderna, é essencial para a conservação deste patrimônio.

CONCLUSÕES

A conservação dos registros de arquitetura moderna e contemporânea constitui um enorme desafio pela extensa diversidade de materiais (plantas, fotos, esboços, detalhes técnicos, especificações). No Brasil, ainda não existe uma consciência sobre o valor desse material. Devido à proximidade temporal, ele é ainda visto como o resultado de um processo cujo único fim é a obra construída. Existem poucas instituições públicas com condições de armazenar essa documentação de forma adequada visando sua conservação por longo prazo. Esse problema é ainda mais agudo quando se trata de escritórios privados, que costumam guardar, para cada projeto, uma documentação muito mais rica e diversa que aquela apresentada aos órgãos públicos, que compreende as mais diversas fases do projeto. No caso do acervo de Janete Costa, teve-se como maior desafio a enorme diversidade de material, que incluía muito mais do que plantas. O outro desafio principal consistiu na compatibilização entre a estrutura de um *website* e a do banco de dados.

Faz-se necessário encontrar formas de digitalização, organização e de acesso à enorme gama de documentos produzidos pelos arquitetos modernos. Esta prática deve ser iniciada, se possível, ainda com os escritórios atuantes, aqueles que melhor podem decidir sobre o que deve ser guardado, o que pode ser descartado e as modificações ocorridas durante o projeto e/ou construção. É preciso fortalecer a consciência dos arquitetos e diretores de escritórios sobre a importância dos documentos gerados por seus escritórios, testemunhos das práticas sociais e construtivas de uma sociedade, da memória e da história de uma cidade.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Luiz Manuel do Eirado. *Obituário arquitetônico: Pernambuco modernista*. Recife: Santa Marta, 2007.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. *Tecnologia digital e acessibilidade: a Rede Latinoamericana de Acervo de Arquitetura e Urbanismo (RELARQ)*. Universidade de La Salle: Sigra MX, 2007. p.200-204.

COSTA, Janete. *Arte popular de Pernambuco*. Recife: Instituto Cultural Bandepe, 2001.

_____. *Feito com as mãos*. Recife, 2003a. Anotação pessoal sobre o artesanato, manuscrito.

_____. *Janete Costa: entrevista*. *Revista Interni*, 531, 2003b. Entrevista concedida a Adelia Borges. Disponível em: < www.adeliaborges.com/textos/> Acesso em 25 fev. 2013.

_____. Uma questão de brasilidade: entrevista. *Revista AU out*, 2007. Entrevista concedida a Éride Moura. Disponível em: <<http://www.revistaau.com.br/arquitetura-urbanismo/163/entrevista-janete-costa-fala-de-brasilidade-e-de-cultura-63519-1.asp>>. Acesso em: 5 dez. 2012.

GÁTI, Andréa; NASLAVSKY, Guilah. Infinito particular: o Inventário Janete Costa. *Anais do Arquivemória*, 4. Salvador: IAB-BA, 2013.

GUTIÉRREZ, Ramón. Os arquivos de arquitetura no contexto latino-americano. *Arquitextos Vitruvius*, ano 01, n. 008.08, 2001. Disponível em <<http://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/01.008/933/pt>> Acesso em 12 abr. 2013.

MUÑOZ-VIÑAS, Salvador. *Contemporary theory of conservation*. Londres: Routledge, 2004.

NASLAVSKY, Guilah; OLIVEIRA, Patrícia. Arquivos de arquitetura moderna em Pernambuco: do reconhecimento à urgência de conservação. In: *II Seminário IberoAmericano de Arquitetura e Documentação*. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

OLIVEIRA, Patrícia; PERES, Clara; GOMES, Camilla; NASLAVSKY, Guilah. Digitalização e preservação do patrimônio iconográfico de arquitetura O Caso de Recife. *Anais Docomomo Norte Nordeste*. Natal: UFRN, 2012

PEYCERÉ, David. (a) La vie du projet: composition type d'un dossier d'archives d'architecture. *La Gazette des archives* (Association des archivistes français), n° 190-191, 3e et 4e trimestres 2000, p. 205-220

_____. (b) Propositions de tri dans un dossier de projet. *La Gazette des archives* (Association des archivistes français), n. 190-191, 3e et 4e trimestres 2000, p. 233-246.

VIANA, Cláudio Muniz. A organização da informação arquivística em arquivos de arquitetura do Núcleo de Pesquisa e Documentação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UFRJ. *Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*. Florianópolis, n. esp., 2011 Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2011v16nesp1p23>> Acesso em 6 jan. 2015